

# O Juízo moral toma a rua \*

Alfredo Gutierrez Gomez

Sociólogo e Professor na Universidade Ibero Americana (México)

Na última sexta, 12 de setembro de 1997, toda a falsa teorização acerca da neutralidade das ciências que se dirigem ao social desmascarou-se de maneira ridícula.

Os zapatistas chegaram de forma simples e esta cidade se lançou em seu caminho para pagar suas culpas e expiar sua prepotência. Não foi preciso muito, apenas vê-los para que nos puséssemos a chorar, eu e toda a gente, uns por fora, outros por dentro. Bastou para voltar a sentir profunda vergonha por nossos governos, por nossos discursos, tarefas, lideranças, análises, teorias, partidos, políticas e “brancuras”. É inútil negar, pois mais além de todas estas formas superficiais de poder conquistador civilizado está o inocultável: estes são os donos originais desta terra; nós, seus benfeitores e dominadores.

Isto nos ensinam quando passam. Não precisam dizer nada. Queremos maior lição? Nada, só marchar como marcharam por estas avenidas enquanto as pessoas enlouqueciam sem saber porquê! São os mexicanos mais pequenos, mais ínfimos, quase imperceptíveis – tínhamos de ficar na ponta dos pés para poder vê-los – mas são os maiores ao mesmo tempo. Nada têm que ver com a política à qual mais cedo ou mais tarde serão conduzidos, inclusive com os mimos da democracia e da vida cívica legalizada. É evidente que são de outra

\* Tradução de Márcio Colussi Funcia

lavra e que de outra matéria está forjada sua mensagem silente. Têm um tipo de estatura que, nem juntando todos os nossos personagens e personalidades “da crista da onda”, se alcança. Têm o poder de tornar verdadeiros todos que os vêem, mesmo que por poucos minutos. A cidade traga de imediato sua própria gente, para cagá-la em seguida. Têm isso que há anos – serão séculos? – não vemos passar diante de nossos olhos: chama-se autoridade moral, mesmo que não saibamos o que seja ou o que signifique essa palavra. Têm autoridade, e como esta não lhes foi outorgada pela Constituição ou pelo processo eleitoral, há que suspeitar que a trazem de sua cultura, que é algo que não sabemos com que se traga. Isso trazem de sua história – do berço? – de sua pobreza. São cristãos sem sabê-lo e graças a um poder outorgado por quem não é deste mundo. É um poder sem Poder: impotência formativa. Algo que não sabemos pronunciar. A miséria tem linguagem em seus próprios abandonos, em sua indigência, em sua invalidez, que só os humanos sabem ler, ainda que não todos. Quem fala através de suas garras, maltratos, estatura moral, falta de nutrição e olhares? Para Leon Bloy – o leão da literatura católica francesa – não cabe dúvida: Deus.

Acaso por isso são tão ininteligíveis e absurdos, até modestos e desagradáveis? Leon, este fanático conseqüente, chamou um de seus livros *La sangre del pobre* – referia-se ao dinheiro. Ninguém pode falar disto sem reconhecer elementos religiosos no que vê e no que sente ao ver, por mais incrédulo que se pretenda. A significação de tal problema está mais além, evidentemente, de todos os sistemas, fórmulas, organizações, ideologias que se aproveitaram deles para construir sua bandeira, seu programa e sua luta. São capazes de confundir os seus benfeitores mais aguerridos: ignorantes como um cacho de nopal, que tratam de dizer com sua obstinação? Os identificamos em alguma teoria?

Esta gente de nós mesmos e nós mesmos dessa gente não sabemos o que dizem, sabemos apenas o que podem necessitar segundo nossos modelos e formas. Quisemos dar-lhes algo? Quisemos escutar algo em seu mutismo? Esta é a parte religiosa de sua presença; em todas as religiões há um diálogo com o mundo, com a natureza, com os deuses, com os outros. O problema de não querer sua cultura é o de não poder nem tolerar sua misteriosa diferença, mais ancestral que a de nossos ancestrais. Mais

### **O Juízo moral toma a rua**

conservada e seguida que a de nossos antepassados. Por isto são o estorvo do mundo – do nosso – e não mediremos esforços para eliminá-los, inclusive beneficiando-lhes e oferecendo-lhes nossa democracia ocidental calculista... Óbvio que não são o Messias – acaba telefonar-me Deborah para dizer que chorou e que não triunfaram, que não hão ganhado nada e questiona-me sobre o que fazer. Não lhe soa familiar? A resposta é NADA, em *algum plano* não vamos fazer nada, ainda que façamos muitas coisas, *carreatas*, doações, protestos e conferências.

Em outro plano, faremos algo dentro de nossas formas superficiais e eficientes de “tratar esses assuntos” e de “sentir essas experiências” Os ocidentais não toleram ver tais temas desde o passado e cada vez que este se faz presente o exorcizamos e matamos, para não enfrentá-lo. Sobretudo quando esse passado se faz presente, salta da memória e respira diante de nós; quando nos encara. Acaso é mais presente que nosso fugaz cotidiano e modernização? A sociedade civil não pôde organizar as coisas como sonha Marcos. A sociedade civil, abandonada a suas diferenças e heterogeneidades, não consegue organizar-se em poderes civis. Não há teoria nem conceitos que veiculem essas possibilidades e estamos todos pensando que é o Estado – e seus apêndices tradicionais – quem é e sempre será o agente imutável que a tudo ajustará. Estamos perdendo tempo e oportunidade preciosos para inovar e mudar estas formas caducas. É certo que as pessoas querem ver heróis pelas ruas, tê-los ao seu alcance; só que estes não pareciam sê-lo; eram como brinquedos, como diminutos soldadinhos de um conto ornado de flores e roupas coloridas. Só o passamontanha negro escapava de sua estética milenar, esse, um mistério adicional ao lado de seu profundo rastro citadino. Os vi chegar por você, os segui passo a passo e não vi nada ... A isto chamamos pretensiosamente “a História” De quem lhe ama, neste mês de pátrias e párias, Alfredo.